

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS DE MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEI)

*THE DEVELOPMENT OF ENTREPRENEURIAL COMPETENCIES OF INDIVIDUAL MICRO-
ENTREPRENEURS*

Juliana Vitória V. Mattiello da SILVA
UNEMAT
julianamattiello@unemat.br

Amarolinda Zanela KLEIN
UNISINOS
aczanela@unisinós.br

Recebido em 04/2017 – Aprovado em 09/2017

Resumo

Esta pesquisa visa compreender quais são as principais necessidades de capacitação de Micro Empreendedores Individuais (MEI), no que se refere às competências empreendedoras. Busca também verificar como atualmente eles buscam (ou não) capacitar-se, por quais meios, e à quais TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) têm acesso, explorando se há ou não utilização dessas TIC como meio para se capacitarem. Foi realizada uma pesquisa survey com 206 MEI. Os resultados indicam que a maioria deles possui smartphone, e as mídias sociais mais acessadas são o Facebook e Whatsapp, porém as TIC não são utilizadas por eles como meios para capacitação, a qual é realizada apenas por uma minoria dos MEI, e somente por cursos presenciais. Quanto às competências empreendedoras que necessitam desenvolver, destacam-se as de negócio e gestão.

Palavras-chave: Micro Empreendedores Individuais; MEI; Competências Empreendedoras; Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)

Abstract

This research aims to understand the main training needs of Micro-Entrepreneurs (MEI), regarding entrepreneurial competences. It also aims to verify how currently they seek (or not) to qualify themselves, by which means, and to which ICT they have access, exploring whether or not ICT is used as a means to qualification. A survey was carried out with 206 MEI. The results indicate that most of them have a smartphone, and the most accessed social media are Facebook and Whatsapp, but they do not use ICT as a means for training, which is carried out only by a minority of MEI, and only by face-to-face courses. As for the entrepreneurial competences they need to develop, the most important ones are business and management.

Keywords: *Micro-Entrepreneurs; MEI; Entrepreneurial Competencies; Information and Communication Technologies (ICT)*

1 INTRODUÇÃO

O aumento expressivo de formalização de negócios nos últimos cinco anos, no Brasil, foi possível em razão da vigência da Lei 128/2008. Esta lei regulamenta o trabalho dos Microempreendedores Individuais (MEI) e é considerada um dos maiores programas de formalização e fomento ao empreendedorismo no mundo, pois de julho de 2009 a dezembro de 2015, o número de MEI formalizados partiu de zero para 5.680.614 (SEBRAE, 2016).

Junto ao aumento expressivo de formalização, as mudanças ocorridas no contexto empresarial tornaram-se um desafio de sobrevivência para os MEI. As transformações ocorridas no papel de trabalhador informal para o empreendedor individual, empresário e proprietário do seu próprio negócio formal ganharam alterações e muitas das competências exigidas até então em suas operações já não são mais suficientes (LIZOTE; VERDINELLI, 2014). Kiggundi (2002) conceitua competências empreendedoras como

as atitudes, as crenças, os conhecimentos, as habilidades, a personalidade e, ainda, as tendências comportamentais necessárias para o sucesso e manutenção de empreendimentos. Man et al. (2002) definem competências empreendedoras como a capacidade do empresário para realizar um trabalho com sucesso. As competências empreendedoras podem ser identificadas como um grupo específico de competências relevantes (envolvendo aspectos técnicos, de gestão, comportamentais e atitudinais) para o exercício do empreendedorismo bem-sucedido e que afetam o desempenho da empresa, segundo Bird (1995), Mitchelmore e Rowley (2010), Nassif, Andreassi e Simões (2011) e Lizote e Verdinelli (2014). Com base nesses autores, entende-se que *competências empreendedoras envolvem um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que, quando desenvolvidos e colocados em ação pelo indivíduo, de forma integrada e inter-relacionada com o seu contexto (especialmente empresarial), permitem que ele crie um novo empreendimento, ou que contribua para o crescimento e sucesso de seu negócio.*

O desenvolvimento de competências empreendedoras é a base para a criação, sobrevivência e crescimento de negócios (BIRD, 1995). Entretanto, muitos empreendedores individuais não visualizam o seu negócio como oportunidade de crescimento e sim como necessidade de sobrevivência (NASSIF et al., 2009). Ainda, em algumas situações, podem ter um empreendimento autônomo por falta de opção para um trabalho melhor, tendo em vista o fato de que abrem um negócio simplesmente com a intenção de gerar renda para o sustento da família (GEM, 2010). Ao contrário, o empreendedorismo por oportunidade é aquele em que o empreendedor visualiza uma oportunidade de negócio para empreender e melhorar sua qualidade de vida que, segundo o GEM (2010), é a forma de empreendimento mais benéfica para a economia de um país. Acredita-se que a transformação para empreendimentos de oportunidades perpassa pelo desenvolvimento de competências empreendedoras dos empreendedores individuais, de forma que estes

conheçam como a sua empresa pode efetivamente prosperar.

Os MEI, no Brasil, têm recebido possibilidade de qualificação para o desenvolvimento do negócio. De acordo com o Sebrae (2016, p.8), o “MEI é o maior público do Sebrae e, em 2011, a instituição criou uma linha específica de produtos para atender ao Microempreendedor Individual”. Este trabalho adota como pressuposto que, para se criar linhas específicas de qualificação dos MEI, como aquelas preconizadas pelo Sebrae (2016), é necessário compreender o perfil desses empreendedores, suas necessidades de qualificação, bem como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que utilizam e que podem dar suporte ao seu desenvolvimento, apoiando tanto a sua capacitação presencial quanto a via *e-learning* (a distância utilizando a Internet como plataforma) (SCHLEMMER, 2010) e via *mobile learning* (ou aprendizagem móvel, que utiliza as tecnologias móveis e sem fio como plataformas) (SACCOL et al., 2011). Essas formas flexíveis de aprendizagem (no tempo e no local que for adequado ao aprendiz) fazem sentido aos MEI que, em geral, trabalham sozinhos, muitas vezes de forma móvel e, devido a isso, podem enfrentar dificuldades para se capacitar.

Nesse sentido, este artigo apresenta resultados preliminares de uma pesquisa que visa compreender como o *mobile learning* (aprendizagem com mobilidade) pode ser utilizado para o desenvolvimento de competências empreendedoras de MEI. Os dados aqui apresentados se referem à etapa de entendimento do problema do método de *design research* (MANSON, 2006; VAISHNAVI; KUECHLER, 2005), que é adotado por essa pesquisa. Na etapa de entendimento do problema, buscou-se compreender (1) quais são as principais necessidades de capacitação dos MEI, no que se refere às competências empreendedoras (2) como atualmente os MEI buscam (ou não) capacitar-se, e por quais meios e (3) a quais TIC (especialmente móveis) os MEI têm acesso, e se há ou não utilização dessas TIC como meio para se qualificarem. Para compreender essas questões, foi realizado um levantamento (*survey*).

A população da pesquisa compreendeu um grupo de MEI formalizados pelo Centro de Atendimento Empresarial (CAE) do município de Cáceres-MT, totalizando 350 MEI, sendo que houve a tentativa de censo, ou seja, todos eles foram contatados, no entanto, após diversas tentativas de contato, obteve-se 206 respostas.

Partindo do entendimento de que as competências empreendedoras devem ser compreendidas como dependentes do contexto, buscou-se identificar as competências empreendedoras ainda não desenvolvidas nos MEI. Também buscou-se compreender o seu perfil, interesses e necessidades. A busca por esse entendimento está alinhado com a abordagem pedagógica que embasa esta pesquisa, no caso, a da Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire (1987). De acordo com Freire (1987, p.47), “para a concepção da prática da liberdade, a sua dialogicidade começa não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes”.

Nesse processo de diálogo, um dos aspectos-chave foi compreender como se dá a utilização de TIC, especialmente as tecnologias móveis, por parte dos empreendedores individuais, vislumbrando a possibilidade do uso dessas tecnologias como meio para atividades que visem o desenvolvimento das competências empreendedoras. De acordo com o relatório da UNESCO (2014), com o avanço das tecnologias móveis surgem novas possibilidades para processos de capacitação organizacional e profissional, inclusive favorecendo o desenvolvimento de competências no contexto empresarial. Como complemento, há, ainda, um mercado de dispositivos e aplicativos móveis em ascensão. Assim, a pesquisa adota como um pressuposto o fato de que essa tecnologia poderá ser utilizada como meio para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Atualmente, o telefone celular é o principal meio de acesso à Internet no Brasil, por isso sua importância deve ser considerada enquanto forma de acesso à

informação e oportunidades de capacitação e desenvolvimento (VILLELA, 2016).

O artigo está assim estruturado: a seção a seguir apresenta o referencial teórico do trabalho; na seção 3, a descrição do método adotado; na seção 4, os resultados do estudo; na seção 5, apresenta-se uma discussão dos resultados obtidos e, por fim, a seção 6 apresenta as considerações finais do trabalho, seguidas das referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Competências Empreendedoras

Neste trabalho, o conceito de *competência* é considerado em uma perspectiva social, a qual diz respeito à formação do indivíduo para agir na transformação da sociedade. Zabala e Arnau (2010, p. 78) destacam que a formação das pessoas “não deve ser para um trabalho estável e sim para a inovação, capazes de evoluir, de se adaptar a um mundo em rápida mutação, mas sem perder a visão global da pessoa como ser crítico diante das desigualdades e comprometido com a transformação social e econômica [...]”.

Nesse contexto, pode-se dizer que “existem competências associadas às posturas empreendedoras que auxiliam na compreensão de atributos geradores de respostas de valor na interação com grupos internos e externos da organização” (LIZOTE; VERDINELLI, 2014, p.51). Bird (1995), menciona a importância de pesquisas sobre as competências empreendedoras por serem importantes preditoras de resultados dos empresários, compreendendo características subjacentes, tais como o conhecimentos genéricos e específicos, motivos, traços, autoimagem, papéis sociais e habilidades que resultam na criação, sobrevivência e/ou crescimento de um empreendimento.

Man e Lau (2005) apontam que os componentes da competência empreendedora estão profundamente enraizados no perfil dos empresários (traços de personalidade, atitudes,

papel social e autoimagem) e são considerados elementos internalizados. No entanto, há componentes das competências empreendedoras que podem ser adquiridos no trabalho ou a partir da formação ou aprendizagem prática, os quais são elementos externalizados. Os elementos internalizados são os mais difíceis de mudar; no entanto, os elementos externalizados podem ser adquiridos a partir de programas de treinamento e educação adequada (GARAVAN e MCGUIRE, 2001; MAN e LAU, 2005).

A construção do conceito de competências empreendedoras, de acordo com Mitchelmore e Rowley (2010), tem base no estudo da trajetória de líderes de sucesso, traduzindo seus comportamentos, atitudes e habilidades em aspectos objetivos, procurando maneiras de desenvolver indivíduos que demonstram um desempenho superior. Os autores revisaram a literatura e identificaram um número significativo de pesquisadores que concordam com um conjunto de competências empreendedoras, que são:

- (a) Competências empresariais: com o foco na inovação;
- (b) Competências de negócio e gestão: com foco no desenvolvimento de recursos, aspectos operacionais e estratégicos;
- (c) Competências de relações humanas: com foco na cultura, liderança e nas pessoas;
- (d) Competência conceitual e de relacionamento: foco na comunicação, relacionamento com *stakeholders* e tomada de decisão.

A revisão da literatura realizada sobre “competências empreendedoras” permitiu compreender a evolução e o desenvolvimento dos atributos que compõem essa competência, especialmente por meio do trabalho de Mitchelmore e Rowley (2010), os quais buscaram apresentar de maneira clara e objetiva os atributos dessas competências, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Síntese das competências empreendedoras

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	ATRIBUTOS
Competências empresariais	Competências relacionadas com diferentes habilidades, que se refletem nos comportamentos do empreendedor como, por exemplo, a habilidade de decisão, absorção e compreensão de informações complexas e de assunção de riscos e inovação.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação e definição de um nicho de mercado viável; - Desenvolvimento de produtos e serviços adequados à empresa selecionada; - Inovação de produtos; - Geração de ideias; - Monitoramento ambiental; - Reconhecer e agir sobre as oportunidades; - Tolerância à ambiguidade; - Reconhecer as próprias limitações de conhecimentos;
Competências de Negócio e Gestão	Competências relacionadas com a criação, funcionamento, avaliação e implementação das estratégias da empresa.	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento do sistema de gestão necessário para o longo prazo; - Fazer funcionar a organização; - Aquisição e desenvolvimento de recursos necessários para operar a empresa; - Habilidades operacionais de negócios; - Envolvimento anterior com <i>startups</i>; - Experiência administrativa; - Habilidades financeiras e orçamentárias; - Estilo de gerenciamento; - Habilidades de <i>marketing</i>; - Habilidades Técnicas; - Habilidades com o mercado/indústria; - Capacidade de implementar a estratégia (desenvolver programas, orçamentos, procedimentos, avaliar o desempenho); - Familiaridade com o mercado; - Elaboração do plano de negócio; - Habilidades para a fixação de metas; - Habilidades de gestão;
Competências de relações humanas	Competências relacionadas com a organização de diferentes recursos internos e externos humanos, físicos, incluindo a construção da equipe, os principais funcionários, treinamento e controle.	<ul style="list-style-type: none"> - Habilidades de delegação; - Capacidade de motivar a pessoa individualmente e em grupos; - Habilidades de Contratação; - Habilidades de relações humanas; - Habilidades de liderança; - Desenvolvimento da capacidade de perceber a gestão organizacional necessária para guiar a empresa;
Competências Conceituais e de relacionamento	Competências relacionadas com a pessoa/pessoa ou pessoa/grupos de interações como, por exemplo, a construção de um contexto de cooperação e confiança, usando os contatos e conexões, capacidade de persuasão, comunicação e habilidade interpessoal.	<ul style="list-style-type: none"> - Competências conceituais; - Habilidades organizacionais; - Habilidades interpessoais; - Capacidade de gerenciar os clientes; - Capacidade mental para coordenar as atividades; - Capacidade de comunicação escrita; - Habilidades de comunicação oral; - Capacidade de tomar decisão; - Habilidades analíticas; - Habilidades de raciocínio lógico; - Competências de comprometimento; - Capacidade de estabelecer conexões, criar redes de contatos.

Fonte: Mitchelmore e Rowley (2010)

2.2 As TIC e o desenvolvimento de Competências Empreendedoras

As TIC podem ser definidas como um conjunto de diferentes ferramentas e recursos tecnológicos que são utilizados para comunicação e também para criação, captura, processamento de dados, disseminação, armazenamento e gerenciamento de informações (SACCOL et al., 2011; MOSCARDINI; KLEIN, 2015). As TIC oferecem interação rápida e direta entre as pessoas, possibilitando também o acesso a informações conforme as necessidades emergentes de aprendizagem; elas são, atualmente, ferramentas essenciais para a capacitação de profissionais, pois possibilitam que eles escolham onde e quando desejam aprender; com a difusão das TIC móveis e sem fio, essas possibilidades se ampliaram ainda mais (FERREIRA et al., 2013; MOSCARDINI; KLEIN, 2015).

As TIC móveis e sem fio podem envolver dispositivos e sistemas de informação que permitem o acesso a dados e à comunicação pessoal de forma móvel, via acesso a redes sem fio (SACCOL; REINHARD, 2007). Nesse sentido, há uma variedade de tecnologias disponíveis no mercado, tais como diferentes *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, *netbooks*, aparelhos de MP3, MP4, etc., e diversas redes sem fio (Wi-Fi, Bluetooth, WiMAX, telefonia celular, via satélite), entre outras. (SACCOL; SCHLEMMER; BARBOSA, 2011; HASHEMI et al., 2011; PIASECKI; MIAO; ARISS, 2012).

O uso dessas tecnologias para o desenvolvimento de competências se dá por meio da prática do *M-learning* (aprendizagem com mobilidade). Tendo em vista que esta é uma modalidade educacional recente, é necessário compreender aquilo que de fato pode fazer sentido para os aprendizes em um determinado contexto no qual se encontrem. A compreensão no *M-learning*, neste estudo, se baseia na definição apresentada por Saccol, Schlemmer e Barbosa (2011), que afirmam que ele se refere a processos de aprendizagem apoiados pelo uso de TIC móveis e sem fio, cuja característica fundamental é a mobilidade dos aprendizes, que podem estar distantes uns dos outros e também de espaços formais de

educação, tais como salas de aula, de capacitação e treinamento ou local de trabalho.

O espaço informal de aprendizagem chama ainda mais atenção à questão do contexto, que é considerado como fundamental para o *m-learning*. E, ainda, é favorecido em razão da inter-relação com a mobilidade que esse processo permite (KUKULSKA et al., 2009; TRAXLER, 2007). Essa mobilidade, como destacam Kukulska et al. (2009), é uma nova característica da sociedade que se manifesta, por exemplo, na cultura móvel desenvolvida entre os jovens e as práticas de trabalho e de lazer, cada vez mais fragmentadas e móveis. Nesse sentido, a mobilidade dos aprendizes não pode ser compreendida somente como a sua mobilidade física; ela se desdobra em diferentes tipos, de acordo com Saccol, Schlemmer e Barbosa (2011): a mobilidade tecnológica (o favorecimento no transporte da tecnologia para qualquer lugar), mobilidade conceitual (diversas oportunidades e novas necessidades de aprendizagem), mobilidade sociointeracional (a interação com diferentes grupos: família, trabalho, amigos; colabora com a aprendizagem) e a mobilidade temporal (o uso de “tempos mortos” para aprender).

Em síntese, as questões-chaves para o desenvolvimento desse estudo estão no entrelaçamento das definições adotadas de competências empreendedoras e o uso das TIC (especialmente as móveis e sem fio) para o desenvolvimento dos empreendedores individuais. Acredita-se que o desenvolvimento de competências empreendedoras de empreendedores individuais ocorre de forma integrada e inter-relacionada com o seu contexto, e modalidades educacionais como o *m-learning* podem contribuir para o desenvolvimento da competência em questão.

3 MÉTODO

Este estudo caracteriza-se por apresentar uma parte do processo de execução do método de pesquisa Design Research, que explora o *m-learning* como possibilidade para o

desenvolvimento de competências empreendedoras de MEI. Trata-se de uma pesquisa de campo, constituindo a primeira etapa da Design Research, chamada de consciência do problema (MANSON, 2006; VAISHNAVI; KUECHLER, 2005). Nessa etapa ocorre o mapeamento e entendimento dos problemas e lacunas existentes na literatura e no campo empírico.

O estudo tem como característica a abordagem descritiva. A pesquisa descritiva “é usada para identificar e obter informações sobre as características de um determinado problema ou questão” (COLLIS; HUSSEY, 2005, p.24). Como já foi explicado, este estudo visou compreender (1) quais são as principais necessidades de capacitação dos MEI, no que se refere às competências empreendedoras (2) como atualmente os MEI buscam (ou não) capacitar-se, e por quais meios e (3) a quais TIC (especialmente móveis) os MEI têm acesso, e se há ou não utilização dessas TIC como meio para se qualificarem.

A pesquisa foi aplicada por meio de questionário estruturado (*survey*) de maneira que fosse possível obter as informações necessárias por meio de perguntas fechadas e abertas. O questionário foi elaborado com base em alguns instrumentos previamente utilizados e validados, como o questionário utilizado pelo Sebrae (2016), no que se refere às questões sobre o perfil sociodemográfico dos respondentes; para as questões sobre o uso de TIC móveis e sem fio, foi usado como base o trabalho de Comin (2013). Para compreender as competências empreendedoras já desenvolvidas e não desenvolvidas, foram elaboradas questões abertas, pois a intenção era compreender esses elementos a partir da visão dos próprios respondentes. O questionário foi pré-testado com 10 empreendedores individuais, após o pré-teste foram realizados alguns ajustes visando maior clareza do instrumento junto a esse público.

A população da pesquisa esteve concentrada nos MEI formalizados até agosto/2015, pelo Centro de Atendimento Empresarial (CAE) do município de Cáceres-MT, totalizando 350 MEI, sendo que

houve a tentativa de censo, ou seja, todos eles foram contatados, no entanto, após 796 ligações telefônicas, foram coletadas 206 respostas, porque os demais MEI acessados não se dispuseram a participar da pesquisa, ou ainda, havia erro em suas informações de contato. A coleta dos dados foi realizada entre outubro e novembro de 2015, por telefone. Todas as entrevistas realizadas para a aplicação do questionário foram gravadas, perfazendo um total de 25 horas e 51 minutos de gravação, pois o questionário não era extenso. Havia um total de 21 questões (03 questões abertas e 18 fechadas).

Os dados foram tabulados e analisados utilizando-se o *software Excel*, para os dados quantitativos (gerando-se estatísticas descritivas). O conteúdo das respostas às questões abertas do questionário foi codificado de forma aberta em uma primeira etapa e, posteriormente, estas codificações foram relacionadas com as categorias de competências empreendedoras e seus atributos, apresentadas por Mitchelmore e Rowley (2010), utilizando-se o *software NVIVO* como base para o processo de análise.

4 RESULTADOS

4.1 Perfil dos Micro Empreendedores Individuais (MEI)

Inicialmente será descrito o perfil dos MEI que constituem a amostra do estudo. Identifica-se que a maioria (54,37%) dos participantes são do sexo feminino. Em relação à idade, trata-se de um grupo predominantemente adulto, que apresenta idade mínima de 20 anos, idade máxima acima de 60 anos. A média da idade entre os participantes é 41 anos (desvio padrão de 11,90), sendo que 81,06% dos participantes têm idade acima ou igual a 30 anos. Observou-se que os entrevistados possuem baixa escolaridade, pois apenas 28,64% deles cursou o ensino médio completo e 27,18% têm o ensino fundamental incompleto. A média da escolaridade encontra-se no ensino médio incompleto. Destaca-se que dos 206 entrevistados, 05 eram analfabetos. Dos resultados quanto às atividades exercidas pelos

pesquisados (tabela 1), observou-se que (25,73%) são proprietários de bar, lanchonete e/ou similares, os resultados seguintes correspondem a vendedores de roupas, cosméticos, entre outros

sua formalização e 97 (47,09%) estavam na informalidade; 54 (26,21%) deles estavam desempregados antes de formalizarem o seu negócio. O tempo de experiência do MEI na

Tabela 1: Ramo atividade dos MEI

Tipo de atividade	Frequência absoluta	Frequência relativa
Bar, lanchonete, sorveteria, restaurante e similares	53	25,73%
Vendedores de roupas, cosméticos, panelas entre outros	21	10,19%
Cabeleireiro, salão de beleza, manicure	14	6,80%
Comércio de frutas, mercearia, comércio em geral.	13	6,31%
Pedreiro, mestre de obras	12	5,83%
Outros	12	5,83%
Serviços ambulantes de alimentação	10	4,85%
Salgadeira, doces, massas em geral.	9	4,36%
Artesão	7	3,40%
Bicicletaria, borracharia, lava jato	7	3,40%
Estética, massagista, depilação	7	3,40%
Técnico de refrigeração, manutenção, eletrônica	6	2,91%
Prestador de serviço: contador, consultoria, corretor	6	2,91%
Brinquedos recreativos, recreação	4	1,94%
Decoração de festas, eventos	4	1,94%
Diarista	4	1,94%
Costureira	3	1,46%
Padaria	3	1,46%
Loja de móveis usados	3	1,46%
Agências de viagens/turismo	2	0,97%
Mototáxi	2	0,97%
Hotel	2	0,97%
Serralheria, pintura	2	0,97%
Total	206	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

(10,19%), e cabeleireiro, salão de beleza, manicure (6,80%). Comparando o resultado com o cenário nacional, de acordo com o Sebrae (2016), as cinco primeiras atividades do estudo em questão são as mesmas atividades encontradas neste estudo.

Quanto à localização do negócio, dos 206 pesquisados, 95 (46,12%) trabalham em sua própria residência. A segunda maior parte opera em escritório ou estabelecimento comercial, totalizando 32,52% (67) dos respondentes. Foi questionado aos MEI, qual era a situação do negócio antes da sua formalização. Verifica-se que 107 (51,94%) não possuíam empresa até a

atividade pela qual se formalizou está acima de 10 anos, correspondendo a 71 dos pesquisados (34,47%). Em média, os entrevistados possuem 7,5 (sete anos e meio) de experiência na área do seu negócio (desvio padrão de 5,86). Ou seja, pode-se observar que os MEI, em relação à parte técnica da atividade que desempenham, em sua maioria, têm experiência acima de 5 anos.

Os resultados do perfil sócio demográfico dos MEI, em algumas questões (idade, escolaridade, local de trabalho) não diferem dos resultados encontrados em outros trabalhos, como o de Mattiello da Silva (2012) e do Sebrae (2016).

4.2 Identificação das TIC utilizadas pelos Microempreendedores Individuais

Os dispositivos de TIC utilizados pelos MEI estão apresentados na tabela 2. Os dados indicam que 55,83% deles possui o *smartphone* (telefone celular com acesso à internet), seguido do celular

uma hora por dia (ver tabela 4). Por outro lado, há 64 MEI que não têm acesso algum à Internet.

Em relação à utilização de e-mail pelos MEI, identifica-se que 111 dos 206 respondentes utilizam esse recurso. Sobre os aplicativos no *smartphone*, constata-se 111 (53,88%) dos

Tabela 2: Dispositivos de TIC utilizados pelos MEI

Tipo de tecnologias da informação/comunicação	Número de Indicações*	Frequência relativa
<i>Smartphone</i> (telefone celular com acesso à internet)	115	55,83%
Aparelho de celular comum (não é <i>smartphone</i>)	97	47,09%
<i>Notebook</i> utilizado fora do local fixo de trabalho	70	33,98%
Computador fixo de mesa (desktop)	58	28,16%
<i>Tablet</i>	19	9,22%
Total de respostas	359	174,24%
Total de Entrevistados	206	

Fonte: Dados da pesquisa (*) Indicação realizada pelos 206 respondentes, categorias não são mutuamente excludentes.

Tabela 3: Forma de acesso à internet pelos MEI

Tipos de acesso	Número de Indicações*	Frequência relativa
Internet no celular	77	37,38%
Rede sem fio (wi-fi) doméstica	76	36,89%
Não tem acesso à internet	52	25,24%
Internet móvel (3G) por modem	26	12,62%
Outros	14	6,80%
Lan house	8	3,88%
Rede cabeada (LAN)	6	2,91%
Total de respostas	259	125,72%
Total de Entrevistados	206	

Fonte: Dados da pesquisa (*) Indicação realizada pelos 206 respondentes, categorias não são mutuamente excludentes.

comum (usado por 47,09% dos MEI). Apenas 9,22% deles possui *tablet*.

Quanto ao acesso dos MEI à Internet, constata-se, na tabela 3, que boa parte deles (37,38%) a acessa pelo celular (77 citações), em quase igual número é mencionado o acesso via rede sem fio (wi-fi) doméstica. Destaca-se que 25,24% dos MEI não têm acesso à Internet.

Observou-se que 35,43 % dos MEI (73) têm um tempo médio de conexão com a Internet de até

respondentes usam algum aplicativo (ver Tabela 5); os respondentes indicaram que a maior utilização está nos aplicativos de comunicação (redes sociais, *Facebook*, *Whatsapp*), com 110 menções.

A tabela 6 apresenta as mídias sociais mais utilizadas, com as quais os MEI possuem familiaridade. Destaca-se a utilização dos *Whatsapp*, com 109 citações, seguido do *Facebook*, com 105 citações. Em um resultado

não menos importante, estão as 77 citações de MEI que disseram não utilizar nenhuma mídia social.

Em um cruzamento das 77 citações com a escolaridade e a idade dos que indicaram a não utilização de mídia social, constata-se que 5 são

Tabela 4: Tempo médio por dia de conexão com a internet

Tipos de acesso	Frequência absoluta	Frequência relativa
Até uma hora por dia	73	35,43%
Não tem acesso à internet	64	31,07%
De uma a três horas por dia	29	14,08%
De quatro a dez horas por dia	20	9,71%
Mais de dez horas por dia	20	9,71%
Total de Entrevistados	206	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 5: Aplicativos utilizados pelos MEI

Tipos de aplicativos	Número de escolhas*	Frequência relativa
Sistemas/ aplicativos de comunicação (ex.: redes sociais, <i>Facebook, Whatsapp</i>);	110	99,10%
Editores de texto (ex.: Word)	20	18,02%
Jogos ou aplicativos de diversão/passatempo	20	18,02%
Sistemas/ aplicativos de compartilhamento de dados ou documentos (ex.: Dropbox)	17	15,32%
Planilhas eletrônicas (ex.: Excel)	13	11,71%
Outros	10	9,01%
Sistemas/aplicativos empresariais (ex.: Conta Azul, Qipu);	09	8,11%
Total de respostas	199	179,29%
Total de Entrevistados que usam <i>smartphone</i>	111	

Fonte: Dados da pesquisa (*) Indicação realizada pelos 111 respondentes que afirmaram usar *smartphone*, categorias não são mutuamente excludentes.

Tabela 6: Uso de mídias sociais pelos MEI

Tipos de mídias sociais	Número de Indicações*	Frequência Relativa
<i>Whatsapp</i>	109	52,91%
<i>Facebook</i>	105	50,97%
Não utilizo mídias sociais	77	37,38%
<i>Instagram</i>	18	8,74%
<i>Youtube</i>	14	6,80%
<i>Twitter</i>	03	1,46%
<i>Snapchat</i>	02	0,97%
Outras	01	0,49%
Total de respostas	329	159,72%
Total de Entrevistados	206	

Fonte: Dados da pesquisa (*) Indicação realizada pelos 206 respondentes, categorias não são mutuamente excludentes.

analfabetos, 41 possuem o ensino fundamental incompleto, o restante está distribuído nas outras alternativas; em relação à idade, 34 estão na faixa

empreendedoras apresentadas por Mitchelmore e Rowley (2010). Embora se quisesse identificar os problemas enfrentados pelos MEI, alguns

Tabela 7: Competências empreendedoras mencionadas pelos MEI

CATEGORIA	ATRIBUTOS	Número de citações *
Competências empresariais	Reconhecer as próprias limitações	08
Competências de negócio e gestão	Habilidades operacionais de negócios;	01
	Experiência administrativa;	03
	Habilidades financeiras e orçamentárias;	04
	Habilidades de gestão;	03
	Aquisição e desenvolvimento de recursos necessários para operar a empresa	01
Competências conceituais e de relacionamento	Habilidades analíticas	02
Total		22

Fonte: Dados da pesquisa codificados no N-Vivo (*) Citações realizadas pelos 206 respondentes, categorias não são mutuamente excludentes.

de idade entre 50 e 59 anos e 10 estão acima de 60 anos, dados que sugerem que quanto menor o grau de escolaridade e maior a faixa etária dos MEI, menor a utilização de mídia social.

Além de entender o uso das TIC, buscou-se compreender a participação ou não dos MEI em cursos, capacitações ou treinamentos nos últimos 5 anos. O resultado é que 53 (25,72%) dos MEI participaram dessas atividades, 02 fizeram a atividade na modalidade de ensino a distância (EAD) e o restante (51) a realizou na modalidade presencial.

4.3 Identificação das necessidades de capacitação apresentadas pelos MEI

A seguir serão apresentados os resultados provenientes das perguntas abertas do questionário. Primeiramente, as respostas foram para a seguinte questão: “Quais são os problemas mais frequentes que você encontra como empreendedor individual para administrar o seu negócio? Por favor, explique.” Primeiro, os dados foram codificados de acordo com as respostas fornecidas pelos participantes e, a seguir, estas foram classificadas em categorias de acordo com a especificação de competências

respondentes disseram não encontrar dificuldades para administrar o seu negócio e relataram como o faziam. Por exemplo:

“eu faço tudo o que eu posso fazer só com os números... Eu faço minhas contas só com os números por exemplo: uma boneca eu não sei escrever, mas eu sei a quantidade, eu sei o preço que eu comprei, o preço que eu vou vender. A dificuldade é não saber escrever, eu queria aprender a escrever pra eu fazer as coisas direitinho, pra eu ver que quantidade o que eu ganho então tudo isso é bom saber, escrever, depois tirar a conta.” (Entrevistado 157)

Considerando-se respostas desse tipo, a tabela 7 identifica atributos das competências empreendedoras que foram apontados pelos MEI, desenvolvidas na forma como realizam seus negócios. Estas respostas foram codificadas no N-vivo, conforme a classificação de Mitchelmore e Rowley (2010).

Por outro lado, na tabela 8 são detalhadas as dificuldades com o negócio percebidas pelos MEI de acordo com as suas próprias palavras.

Tabela 8: Dificuldades encontradas pelos MEIs

CATEGORIA	DEFINIÇÃO	# citações*
Gestão operacional	Refere-se à dificuldade em operar a máquina de cartão de crédito e débito; ao recebimento dos clientes etc.	42
Falta de dinheiro, investimento	Refere-se à dificuldade encontrada pelos MEI em relação à necessidade de ampliação do negócio, dificuldades financeiras, necessidade de investimento, empréstimos não concedidos, necessidade de ampliação do negócio.	27
Questões Contábeis e financeiras	Refere-se à dificuldade dos MEI em emitir notas fiscais, realizar a declaração do IR, contabilização, contribuições, documentação em geral.	24
Vendas e/ou Prestação de serviço	Relaciona-se com a dificuldade do recebimento dos pagamentos por serviços prestados ou produtos vendidos, ao movimento fraco, dificuldades em lidar com os clientes.	21
Crise	Refere-se à dificuldade encontrada pelos MEI em razão da crise, aumento do custo dos produtos, da energia, da água, falta de pagamento dos clientes etc.	16
Falta de mão de obra	Refere-se à dificuldade dos MEI em encontrar mão de obra para trabalhar	14
Falta de estudo	Refere-se à dificuldade de estudo dos MEI.	09
Questões de regulamentação em órgãos públicos	Refere-se à dificuldade dos MEI em relação ao alvará (valor), documentos em geral para a regulamentação do negócio.	08
Falta de apoio do governo	Refere-se à promessa de facilidade de empréstimos após a formalização e isso se tornar uma grande dificuldade para os MEI formalizados.	07
Dificuldade de encontrar matéria prima	Refere-se à dificuldade encontrada pelos MEI em encontrar matéria-prima na cidade em que operam (Cáceres).	04
Dificuldade de locomoção	Refere-se à dificuldade dos MEI em se locomover.	04
Falta de Planejamento	Refere-se à dificuldade dos MEI em planejar suas atividades	04
Falta de tempo	Refere-se à dificuldade de tempo dos MEI para realizar todas as atividades.	03
Falta de experiência	Refere-se à falta de experiência em administrar o seu negócio.	02
Total		185

Fonte: Dados da pesquisa com codificação aberta no N-Vivo (*) Citações realizadas pelos 206 respondentes, não são mutuamente excludentes.

As principais dificuldades citadas pelos respondentes referem-se à gestão operacional do seu negócio (42), à falta de dinheiro e à necessidade de investimento (27) e a dificuldade com questões contábeis e financeiras (24), respectivamente.

Essas respostas dos participantes, ao reportarem problemas enfrentados com o seu negócio, foram

a seguir codificadas de acordo com as categorias de competências empreendedoras indicadas na literatura por Mitchelmore e Rowley (2010) – tabela 9.

Tabela 9: Identificação de Competências empreendedoras não desenvolvidas

CATEGORIA	ATRIBUTOS	Número de citações *
Competências empresariais	- FALTA de geração de ideias;	01
	Subtotal	01
Competências de negócio e gestão	- FALTA de Habilidades operacionais de negócios;	78
	- FALTA de Experiência administrativa;	36
	- FALTA de Habilidades financeiras e orçamentárias;	60
	- FALTA de Habilidades de <i>marketing</i> ;	03
	- FALTA de Habilidades Técnicas;	20
	- FALTA da Capacidade de implementar a estratégia (desenvolver programas, orçamentos, procedimentos, avaliar o desempenho);	32
	- FALTA de Familiaridade com o mercado;	03
	- FALTA de Habilidades de gestão;	62
Subtotal	294	
Competências de relações humanas	- FALTA de Habilidades de Contratação;	09
	- FALTA de Habilidades de relações humanas;	03
	- FALTA da capacidade de perceber a gestão organizacional necessária para guiar a empresa;	33
	Subtotal	45
Competências conceituais e de relacionamento	- FALTA de Habilidades organizacionais;	39
	- FALTA da Capacidade de gerenciar os clientes;	19
	- FALTA da Capacidade de comunicação escrita;	10
	- FALTA de Habilidades de comunicação oral;	14
	- FALTA de Habilidades analíticas;	02
Subtotal	84	
Total		424

Fonte: Dados da pesquisa codificados no N-Vivo (*) Citações realizadas pelos 206 respondentes, categorias não são mutuamente excludentes.

A categoria de competências mais citada (como sendo insuficiente) é a de negócio e gestão que, de acordo com Mitchelmore e Rowley (2010), envolvem a criação, funcionamento, avaliação e implementação das estratégias da empresa. Dentre os atributos mais citados na tabela 9, que necessitam de desenvolvimento, observa-se a falta de habilidades operacionais de negócios, com 78 menções. Após, 62 citações para a falta de habilidades de gestão e 60 citações para a falta

de habilidades financeiras e orçamentárias. Na tabela 10 estão evidenciados os resultados da seguinte questão: “*Quais cursos, capacitação e/ou treinamentos você gostaria de realizar para se aprimorar como Empreendedor Individual e desenvolver ainda mais o seu negócio? Por quê?*”. Foi realizada uma relação entre os cursos indicados pelos MEI e os atributos elencados por Mitchelmore e Rowley (2010), que compõem as categorias das competências empreendedoras.

Tabela 10: Relação dos Atributos da competência Empreendedora com Cursos indicados pelos MEI

Atributos da competência Empreendedora	Cursos, Capacitações sugeridas	Número de citações*
Habilidades financeiras e orçamentárias	- Curso na área administrativa - financeira; - Curso básico sobre movimentações bancárias; - Curso básico de contabilidade; - Como cobrar as pessoas;	95
Habilidades Técnicas e operacionais do negócio	- Cursos técnicos (na área de atividade); - Curso de informática; - Curso sobre Custo do produto e/ou serviço;	83
	Não quer fazer nenhum curso.	50
Capacidade de gerenciar os clientes	- Curso de Vendas;	23
Capacidade de comunicação escrita; Habilidades de comunicação oral;	- Curso de atendimento e/ou oratória; - Curso de alfabetização;	23
Capacidade de perceber a gestão organizacional necessária para guiar a empresa	- Curso sobre Empreendedor Individual; - Curso de empreendedorismo;	22
Desenvolvimento de produtos e serviços adequados à empresa selecionada.	- Curso de aproveitamento de matéria-prima; - Curso sobre compras conjuntas;	08
Habilidades Técnicas	- Curso de Auditoria Internacional;	01
Capacidade de implementar a estratégia (desenvolver programas, orçamentos, procedimentos, avaliar o desempenho);	- Curso de como sobreviver em época de crise;	01
Total		306

Fonte: Dados da pesquisa codificados no N-Vivo (*) Citações realizadas pelos 206 respondentes, categorias não são mutuamente excludentes.

Dentre as principais citações apresentadas na tabela 10, destaca-se o curso na área administrativa/financeira, com 95 menções. Outro resultado interessante ao visualizar a tabela 10 refere-se às respostas dos entrevistados em “não querer participar de nenhum curso”, com 50 citações. Este resultado pode ser caracterizado pelo empreendedorismo por necessidade, e, em alguns casos, com a baixa escolaridade e a idade avançada, que pode ser demonstrado conforme a resposta a seguir: “...É só eu e meu marido e do jeito que tá, tá bom. Se aumentar as coisas vai aumentar o serviço, acho que não quero não.” (Entrevistado 7, analfabeto, idade entre 50 a 59 anos). Na sequência faz-se uma análise crítica sobre os resultados do estudo e o potencial das TIC para o desenvolvimento de competências empreendedoras de MEI.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O perfil geral dos MEI é conhecido, uma vez que os resultados do Sebrae (2016) não são diferentes dos resultados desta pesquisa, portanto a questão que possibilita uma reflexão é: como são considerados esses resultados (perfil) para o desenvolvimento das competências empreendedoras dos MEI no País?

O estudo de Kolvereid (1992) esclarece que a influência da educação ocasiona a aspiração de crescimento no negócio, porque os empreendedores com uma qualificação maior são suscetíveis a aspirações mais elevadas, acabam lidando melhor com as questões associadas ao crescimento e percebem facilmente essas oportunidades. Quando a instrução é menor as características são opostas. Isso fica evidenciado

também nesta pesquisa, por exemplo, nas respostas dos entrevistados 2 e 7 demonstradas anteriormente, os quais acreditam não ser possível a qualificação, um por entender que já está “velho demais”, o outro por não querer “aumentar o serviço”, sendo que ambos possuem nível de instrução baixo. Essas características são importantes e devem ser consideradas para o desenvolvimento de atividades que visem o desenvolvimento das competências empreendedoras.

Uma questão crucial é a pouca participação dos MEI em cursos, capacitação e/ou treinamentos. Assim, foi possível compreender que além da baixa instrução, da baixa participação em atividades de aprendizagem, a modalidade de ensino mais utilizada (quando ocorre a busca por capacitação) foi a presencial. Essa questão, portanto, permite uma reflexão em relação ao tempo necessário para participar de capacitações em locais e horários fixos, entre outras barreiras enfrentadas.

Quanto ao uso das TIC, pode-se analisar que há um campo a ser explorado, no caso, utilizando-as como meios para desenvolver as competências empreendedoras, como as TIC móveis e sem fio. Percebe-se que boa parte dos MEI, de certa forma, têm familiaridade com mídias sociais, têm acesso à Internet, utilizando dispositivos como o smartphone, o que potencializa a ampliação de oferta de oportunidades de capacitação via *e-learning* e *m-learning*. Cabe, portanto, investigar se a modalidade de ensino “*m-learning*” pode proporcionar aos MEI uma aprendizagem espontânea, pessoal, informal, contextual, ubíqua (disponível em todo lugar) e abrangente (integrada com as atividades diárias) (KUKULSKA-HUME, 2005).

Dessa forma, este estudo buscou entender o que de fato poderá fazer sentido para os MEI, entendendo as dificuldades por eles enfrentadas e relacionando-as às competências empreendedoras apontadas pela literatura. O trabalho que os MEI protagonizam em seu negócio suscita uma reflexão, neste caso, o fato de que agem de uma maneira empírica, havendo necessidade de se pensar em formas inovadoras

de possibilitar que se capacitem, de maneiras que façam sentido para eles, na realidade em que vivem.

A experiência empírica é refletida nos resultados apresentados na tabela 7, que aponta competências empreendedoras já desenvolvidas pelos MEI em suas atividades. É possível ponderar até que ponto as ofertas de treinamento e capacitação disponíveis até o momento consideram, valorizam essas competências para alavancar o desenvolvimento de outras. Essa questão está alinhada com o entendimento de Freire (1996), quanto ao contexto, considerando o conhecimento que o aprendiz traz consigo, em razão de toda sua história social e cultural, como sendo a base para a construção de novos saberes. Dessa maneira, em suma, questiona-se: será que os cursos ofertados para os MEI aproveitam a sua experiência empírica para o desenvolvimento e melhoramento das suas competências empreendedoras a partir do que eles já vêm realizando? A proposição desta pesquisa foi a de partir em busca do diálogo (FREIRE, 1987), procurando entender a real dificuldade que os MEI possuem, para assim realizar, futuramente, propostas de qualificação diferenciadas.

6 CONCLUSÕES

Este estudo apresentou os resultados sobre o perfil sócio demográfico, o perfil da utilização de TIC e as necessidades de capacitação de empreendedores individuais. Caracteriza-se por ser um recorte da execução do método de uma pesquisa de *Design Research*, que explora o *m-learning* como possibilidade para o desenvolvimento de competências empreendedoras de MEI. Dentre os principais resultados encontrados, em relação ao perfil dos MEIs, a maioria é do sexo feminino, entre 30 e 39 anos, e com baixo nível de instrução. Quanto ao uso de TIC, a maioria dos entrevistados possui *smartphone* com acesso à internet, e as mídias sociais mais acessadas são *Facebook* e *Whatsapp*.

Quanto à necessidade de capacitação, foram detectadas competências ainda não

desenvolvidas especialmente na categoria de “Competências de Negócio e Gestão”, apresentada por Mitchelmore e Rowley (2010), em que os principais atributos não desenvolvidos foram: habilidades operacionais de negócios, habilidades de gestão e habilidades financeiras e orçamentárias. Foram encontradas outras necessidades nas categorias de competências empresariais, competências conceitual e de relacionamento e competências de relações humanas.

Pode-se dizer que os maiores problemas apontados pelos MEI são de ordem operacional, talvez porque eles realizem todos os processos do negócio, dos mais básicos aos mais estratégicos e, por outro lado, talvez eles tenham dificuldade em perceber lacunas de competências, por não conhecerem a área de gestão e quais conhecimentos poderiam ajudá-los.

Além dos achados já mencionados, foi possível identificar algumas competências desenvolvidas pelos MEI no gerenciamento do seu negócio, as quais foram classificadas nas categorias de competências empreendedoras apresentadas por Mitchelmore e Rowley (2010). Destaca-se a categoria de competências empresariais, com maior citação por parte dos respondentes. Como contribuições práticas do estudo, obteve-se a possibilidade profícua de entendimento empírico do problema estudado, tornando esses resultados uma avaliação inicial para pensar e repensar o que pode ser melhorado quanto à capacitação de MEI com o uso de TIC.

Como proposições para pesquisas futuras, apresenta-se a sugestão da realização de projetos para o desenvolvimento de competências empreendedoras utilizando TIC móveis. Acredita-se que os resultados encontrados neste estudo proporcionam uma reflexão acerca do perfil e necessidades de desenvolvimento dos MEI. Encorajam-se estudos futuros que explorem ainda mais o perfil e necessidades de desenvolvimento desse público em diferentes contextos, bem como as possibilidades de uso de diferentes TIC que ofereçam suporte a esse desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei Complementar n. 128, de 19 de dezembro de 2008. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Brasília, DF, 19 de dezembro de 2008.
- BIRD, B. Toward a theory of entrepreneurial competency, in KATZ, J.A. AND BROCKHAUS, R.H. (Eds), *Advances in Entrepreneurship, Firm emergence, and Growth*, Vol. 2, JAI Press, Greenwich, CT, pp. 51-72, 1995.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R.. Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- COMIN, E. R. O uso de TIMS no monitoramento e controle de projetos. Dissertação Mestrado em Administração UNISINOS, São Leopoldo, 2013.
- FERREIRA, J. B., KLEIN, A. Z., FREITAS, A., SCHLEMMER, E. Mobile learning: definition, uses and challenges. In: WANKEL, L. A, BLESSINGER, P., WANKEL, C. (Org.). *Increasing Student Engagement and Retention Using Mobile Applications Smartphones, Skype and Texting Technologies*. 1ed.London: Emerald, 2013.
- FREIRE, P. A pedagogia do oprimido. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 25ª Ed., 1996.
- GARAVAN, T. N.; McGUIRE, D.. Competencies and workplace learning: some reflections on the theoric and the reality. *Journal of Workplace Learning*, v. 13, n. 4, p. 144 - 164, 2001.
- GEM. Empreendedorismo no Brasil. Relatório global, 2010. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/estudo-s-e-pesquisas/temas-estrategicos/empreendedorismo/livro_gem_2010.pdf>.
- HASHEMI, M.; AZIZINEZHAD, M.; Vahid NAJAFI, V.; NESARI, Ali Jamali. What is Mobile Learning?

Challenges and Capabilities. *Procedia*, v. 30, p. 2477-2481, 2011.

KIGGUNDI, M. N. Entrepreneurs and Entrepreneurship in Africa: What is Known and what needs to be done. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, v. 7, n.3, 2002.

KOLVEREID, L. Growth aspirations among Norwegian entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, v. 7 n. 3, p. 209-22, 1992.

KUKULSKA-HULME, A., SHARPLES, M.; MILRAD, M.; ARNEDILLO-SÁNCHEZ & VAVOULA, G.. Innovation in Mobile Learning: a European Perspective. *International Journal of Mobile and Blended learning*, 1:1, pp. 13-35, 2009.

KUKULSKA-HUME, A.; TRAXLER, J.. *Mobile Learning: A handbook for educators and trainers*, Routledge, London, p. 45-66, 2005.

LIZOTE, S.; VERDINELLI, M.. Relação entre competências empreendedoras e desempenho: Um estudo em empresas prestadoras de serviços contábeis. *Revista de Contabilidade e Organizações*, [S.l.], v. 8, n. 22, p. 49-59, 2014.

MAN, T. W. Y.; LAU, T.; CHAN, K.F. The context of entrepreneurship in Hong Kong An investigation through the patterns of entrepreneurial competencies in contrasting industrial environments. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 12. n. 4, 2005.

MAN, T. W. Y.; LAU, T.; CHAN, K.F. The competitiveness of small and medium enterprises A conceptualization with focus on entrepreneurial competencies. *Journal of Business Venturing*, v. 17, p. 123–142, 2002.

MANSON, N. J. Is operations research really research? *Operations Research Society of South Africa*. v. 22, n. 2, p. 155–180, 2006.

MATTIELLO DA SILVA, J. V. V. Empreendedores Individuais do Estado de Mato Grosso: um estudo dos benefícios da formalização no âmbito da lei complementar 128/2008. *Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2012.*

MITCHELMORE, S.; ROWLEY, J.. Entrepreneurial competencies: a literature review and

development agenda. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, v. 16, n. 2, p. 92-111, 2010.

MOSCARDINI, T.; KLEIN, A. Educação Corporativa e Desenvolvimento de Lideranças em Empresas Multisite. *RAC – Revista de Administração Contemporânea*. vol.19, n.1, p.84-106, 2015.

NASSIF, V.; ANDREASSI, T.; SIMÕES, F. Competências empreendedoras: há diferenças entre empreendedores e intraempreendedores? *Revista de Administração e Inovação - RAI*, v. 8, n. 3, p.33-54, 2011.

NASSIF, V. GHOBRIL, A.. AMARAL, D. Empreendedorismo por necessidade: O desemprego como impulsionador da criação de novos negócios no Brasil. *Revista Pensamento & Realidade*, v.24, n 1, p.143-168, 2009.

PIASECKI-KAHLE, L.; MIAO, C.; ARISS, S.. Managers and the Mobile Device: M-Learning and M-Business—Implications for the United States and China. *Journal of Marketing Development & Competitiveness*. V. 6, n. 1, p56, 2012.

SACCOL, A.; REINHARD, N.. Tecnologias de informação móveis, sem fio e ubíquas: definições, estado-da-arte e oportunidades de pesquisa. *RAC*, v. 11, n. 4, p. 175-198, 2007.

SACCOL, A.; SCHLEMMER, E.; BARBOSA, J. M-learning e u-learning: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SCHLEMMER, E.. Dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem aos Espaços de Convivência Digitais Virtuais ECODIS: O que se mantêm? O que se modificou?. In: VALENTINI, C. SOARES. E. (Org.). *E-book Aprendizagem em Ambientes Virtuais: compartilhando ideias e construindo cenários*. 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, v. 2, p. 145-191, 2010.

SEBRAE. *Perfil do Microempreendedor Individual - 2015*. Brasília-DF, 2016. Disponível em:<<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Perfil%20do%20MEI%202015.pdf>>.

TRAXLER, J. Defining, Discussing, and Evaluating Mobile Learning: The moving finger writes and having writ. *International Review of Research in Open and Distance Learning*, V. 8, n. 2, 2007.

UNESCO. O Futuro da aprendizagem móvel: implicações para planejadores e gestores de políticas. Brasília: UNESCO, 2014.

VAISHNAVI, V.; KUECHLER, W. Design Research in Information Systems. Association for Information Systems, 2005. Acesso: <http://desrist.org/desrist/content/design-science-research-in-information-systems.pdf>

VILLELA, F. Celular é principal meio de acesso à internet no Brasil, mostra IBGE. 2016. Disponível: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares>

ZABALA, A.; ARNAU, L. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.